

**AS VARIÁVEIS SOCIAIS E O USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL:
DADOS DO PORTUGUÊS POPULAR
DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA.**

*Danilo da Silva Santos**
*Jorge Augusto Alves da Silva***

RESUMO:

Neste artigo, apresentamos uma análise das variáveis sociais como fatores condicionantes no uso da regra de concordância verbal (CV) na terceira pessoa do plural ou P6. A análise quantitativa dos dados, do *corpus* do PPVC - Português Popular de Vitória da Conquista, objetiva mensurar quais fatores sociais estariam condicionando o índice de apenas 17,2% de aplicação da CV em P6. Observando o desempenho linguístico de falantes do português popular, na cidade de Vitória da Conquista - BA, o estudo busca compreender se a aplicação da regra de concordância entre sujeito e verbo constitui um fenômeno de variação estável ou de mudança em curso, no sentido da aquisição à regra.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Português popular; Variação; Mudança; Concordância Verbal; Vitória da Conquista.

Introdução

O estudo da concordância verbal, na terceira pessoa do plural ou P6, fornece importantes dados sobre a mudança linguística no Português Brasileiro (PB). Este estudo

* Mestre em Linguística pela Universidade do Sudoeste da Bahia (Uesb). Professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: danilo.cte@hotmail.com

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor do programa de mestrado em Linguística PPGLING/Uesb, é, professor titular da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: adavgvstum@gmail.com.

visa a fornecer dados para compreensão deste fenômeno variável, mensurando a importância das variáveis sociais ou extralinguísticas como fatores de motivação da variação linguística.

Com este intuito, elegemos como *corpus* a fala espontânea da cidade de Vitória da Conquista - BA, dialeto registrado no *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista - PPVC. A análise deste *corpus* nos forneceu importantes dados para a confirmação da hipótese de que a concordância verbal em P6 é uma regra variável, condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Na análise das variáveis sociais, os dados apontam para a comprovação de que, no português popular, os falantes mais jovens estão em processo de aquisição estruturas mais próximas à norma culta urbana, revelando, por meio das evidências apontadas pela variável faixa etária, mudança em progresso.

Dando continuidade a pesquisas como Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Guy (1986), Scherre (1988), Naro e Scherre (1999) Silva (2003; 2005), este estudo, dentro dos pressupostos da Sociolinguística Varacionista, constitui importante etapa das pesquisas sobre a concordância verbal no português brasileiro, somando dados aos resultados obtidos anteriormente em análises de *corpora*, sobre a concordância verbal em P6, realizadas em outras comunidades, e contribuindo, assim, para posteriores estudos sociolinguísticos ao fornecer dados ainda inéditos.

Nosso *corpus* foi constituído de 24 informantes, selecionados de acordo com os critérios gerais para a constituição do *corpus*. Na análise, utilizamos a transcrição dos diálogos, de inquéritos realizados com duração entre 40 a 60 minutos, e a codificação das ocorrências tomou como base na *Proposta de Chave de Transcrição* elaborada pelo coordenador do “Projeto Vertentes”, o professor Dante Lucchesi (In SILVA, 2005, p. 205-217, LUCCHESI, 2012, inédita).

Por meio de uma análise criteriosa calcada na orientação teórica da Sociolinguística Variacionista, este trabalho busca identificar quais fatores estariam interagindo no processo de aplicação da regra de concordância em P6, a fim de constatar pela análise es-

tatística dos dados, se a situação linguística indica, nesta comunidade, mudança em progresso ou variação estável.

1. A concordância verbal

No âmbito dos estudos históricos, cremos que a questão da concordância verbal, ainda, mereça a devida atenção por constituir um dos fenômenos mais evidentes do distanciamento entre as duas gramáticas do português europeu e brasileiro.

É, contudo, só no final a década de 1960 aqui no Brasil, com a divulgação das pesquisas de Weinreich e Labov nos Estados Unidos, que o advento da Sociolinguística desvelaria outras dimensões da realidade heterogênea das línguas, trazendo à baila das discussões acerca da concordância uma importante visão linguístico-descritiva que mudará o trato da questão.

A partir de aplicação das ideias postuladas por Labov (1972) que se traçarão novos critérios para a classificação das variedades linguísticas, acrescentando à dimensão geográfica (da dialetologia) a dimensão social (a chamada variação diastrática) como fatores a serem considerado na “diferenciação” linguística.

As pesquisas que passarão a ser empreendidas a partir do final da década de 1970, embasadas na perspectiva teórica da sociolinguística variacionista, postularão uma nova forma de contemplar o fenômeno da variação e ganharão impulso nas décadas seguintes ampliando o campo de visão sobre a realidade linguística brasileira (SILVA, 2005, p. 214).

Marta Scherre (1996, p. 29) aponta Anthony Julius Naro como autor dos primeiros estudos teóricos a discutir, em 1975, a Teoria Variacionista. Contudo, será o trabalho publicado em 1977, por Lemle e Naro, fruto do projeto *Competências Básicas do Português*, que irá constituir-se como um marco nos estudos sociolinguísticos no Brasil.

Em tal pesquisa, encomendada pelo MOBREAL, os autores analisaram um *corpus* de fala constituído por 20 falantes adultos em processo de alfabetização, oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Os informantes, todos *mobralenses*, foram classificados observan-

do fatores extralinguísticos como idade, sexo, sendo que, todos pertenciam à mesma classe social e apresentavam semelhante nível de escolaridade – eram semianalfabetos.

Lemle e Naro (1977) preocuparam-se em observar, nas circunstâncias das entrevistas, de que forma o grau de formalidade interferiria na aplicação da regra de concordância. Dessa forma, agrupam os fatores condicionantes, que alicerçam a regra da concordância verbal, de acordo com as variáveis: estilística, morfológica, posicional e semântica, estabelecendo uma generalização a respeito dessas três últimas variáveis visto que a “regra dependeria do grau de impacto dos efeitos perceptuais com que ela se materializa”: posição do sujeito, tipo de sujeito, forma verbal e saliência fônica.

Já em 1979, o *Projeto Censo*, orientado por Naro, consegue organizar bancos de dados linguísticos com base em gravações da fala de 48 informantes adultos, classificando o *corpus* pelo sexo, idade, e estratificação social. Trabalhos iniciais que surgirão a partir do modelo idealizado por Naro e Lemle tomarão o grau de saliência fônica como principal elemento de influência na distinção entre formas de singular e plural.

No trabalho publicado em 1981, Naro reanalisa a fala de 17 estudantes do Morbal, que fizeram parte do mesmo projeto *Competências Básicas do Português*, todos pertencentes à classe menos favorecida socialmente. Tal *corpus* foi constituído por: 9 homens distribuídos em 2 faixas etárias (16 a 20 anos e 37 a 54 anos), e 8 mulheres também distribuídas em duas faixas etárias (15 a 26 anos e 43 a 45 anos).

Nesse estudo, o autor incluirá novas variáveis sociais e estabelecerá novos critérios para a categorização morfológica. Foram excluídas do *corpus* as ocorrências de verbos cujas formas de singular e plural não pudessem ser facilmente identificadas, adotando-se um novo critério, o da tonicidade, que considerava a distinção entre as formas verbais em dois grupos: acentuadas e não acentuadas.

Naro ainda observou que a variante “sujeito indeterminado” deveria ser excluída e, por considerar o fator “posição do sujeito” em relação ao núcleo do predicado como um dos condicionantes a não aplicação à regra de concordância, estabelecerá novos critérios para a análise estrutural dos enunciados, observando quantitativamente como o nível

de aproximação entre verbo e sujeito desencadearia a aplicação da regra de concordância verbal.

Os dados da pesquisa de Naro levaram-no a enfatizar a importância do princípio “saliência fônica”, bem como, afirmar que as situações onde o núcleo do sujeito precede “imediatamente” o núcleo verbal favorecem a regra de aplicação do português popular.

Ademais, Naro também, de forma pioneira, observa como os meios de comunicação, mais especificamente a televisão e as telenovelas, influenciariam o comportamento linguístico dos seus informantes considerando os que assistiam a novelas como possuidores de uma orientação cultural vicária e os que não viam televisão de orientação cultural experimental, justamente porque esses tinham dificuldade em acompanhar o enredo das histórias narradas. Dessa forma, Naro pode apontar a mídia como um aspecto condicionador da aplicação da regra de concordância, já que, aqueles que assistiam mais programas televisivos tendiam a uma maior aplicação à regra que os demais.

Como conclusão de sua pesquisa, Naro observa a mudança e defenderá a tese que no português popular do Brasil haveria uma tendência progressiva à perda das marcas de flexão número-pessoa, tendência já notada no português lusitano, mas que no Brasil viria a se acentuar, como fruto da deriva natural dos séculos.

Porém, é, sobretudo, a partir da publicação da tese de Gregory Guy (GUY, 1981) que veremos interpretações desarmônicas marcar uma dissensão entre hipóteses que colocariam a mudança sob diferentes perspectivas:

- a) Como mudança em curso – caminhando lentamente para a perda das regras de concordância (NARO, 1981).
- b) Como variação estável – em direção à regularização pela aquisição da regra sob influência da escolarização (GUY, 1986).
- c) Polarização com variação estável para falantes não humildes e mudança para falantes humildes (SCHERRRE, 1988).

Assim, em síntese, divergentes fluxos verificados no português do Brasil indicariam tendências distintas para a perda da flexão, para aquisição, ou ainda para uma variação estável.

Guy, ao considerar a Sócio-História da formação linguística do português brasileiro, retoma a polêmica sobre a origem crioula do PB. Considerando a hipótese da deriva “mais simples”, propõe uma revisão da possível origem crioula do português popular do Brasil, oriunda do contato no período colonial entre falantes do português europeu e de línguas africanas.

Para Guy (1981, p. 350), a resposta à perda de características que elevariam o PB ao *status* de língua crioula estaria nos diferentes processos de descrioulização, ou de contato com a língua padrão, os quais levariam a língua popular a uma tendência à recuperação de elementos perdidos no momento da aquisição, pendendo para a língua de maior prestígio.

Desse modo, ao contrário de Naro (1981), Guy verifica, atentando ao princípio da saliência fônica, que no português popular do Brasil estaríamos vivenciando uma situação na qual haveria uma disposição à paulatina aquisição das marcas de concordância.

As hipóteses colocadas pelos percussores dos estudos sociolinguísticos nos Brasil embasaram pesquisas posteriores como as desenvolvidas por: Nina (1980), analisando o dialeto falado na Região Bragantina; Nicolau (1984), que estudou o dialeto mineiro; Rodrigues (1987), o português popular de São Paulo; Graciosa (1991), para a fala culta carioca; Rodrigues (1997), que analisou o dialeto de Rio Branco; Anjos (1999), que estudou fala em João Pessoa; o de Monguilhott e Coelho (2002), para a falada Região Sul; dentre outras.

Concluindo, podemos dizer que o aprofundamento dos estudos acerca do PB, orientados sobretudo pelo modelo de análise sociolinguística, contribuiu para o delineamento de duas grandes linhas teóricas¹ que defendem diferentes teses acerca da formação histórica do PB:

¹ Naro e Scherre (2007) citam uma terceira tese: a da emergência de uma nova gramática do português brasileiro, a partir do séc. XIX. Contudo, assim como os autores não nos manifestaremos sobre essa tese por tratar-se de uma discussão surgida no seio da teoria gerativista-paramétrica.

- (1) Tese da ancianidade de nossa língua: corrente *internalista* que, calcados na “deriva secular”, defendem a hipótese de que o português brasileiro é uma continuação do português quinhentista, com pequenas alterações.
- (2) Tese *crioulística*: corrente que considera essencial o papel dos contatos linguísticos para sustentar a hipótese de que as características do português brasileiro decorrem de um período de falares crioulos ou semicrioulos de base africana. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 13).

Nosso trabalho fornece dados que contrariam a primeira tese, de que a língua portuguesa segue em direção à simplificação da morfossintaxe e, conseqüentemente, simplificação do sistema de concordância. Os dados apresentados mostram que os falantes, particularmente os mais jovens, sob influência do processo de escolarização e redes de relações sociais, tendem à aquisição de uma variedade cada vez mais próxima da norma urbana padrão.

2. As variáveis sociais

A aparentemente realidade caótica e aleatória, que configura a heterogeneidade das línguas naturais, só pode ser organizada quando consideradas, além dos fenômenos inerentemente internos ao sistema, a presença das variáveis externas/sociais, ou, em outros termos: fatores não linguísticos, extralinguísticos.

De acordo com Mollica (2007, p. 27), as variáveis externas registram, além dos marcadores regionais, os indicadores de estratificação estilístico-social. De maneira que “a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso linguístico de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico”.

Assim como as variáveis linguísticas, as não linguísticas, ou sociais, apesar de operarem num conjunto complexo de relações, agem isoladamente imprimindo diferentes níveis de influência sobre o emprego de formas variantes, que podem caracterizar a mudança como em curso ou estável.

Por outro lado, alguns estudos propuseram o cruzamento entre variáveis sociais, buscando observar como os diferentes grupos relacionavam entre si. Podemos citar como exemplos de propostas de cruzamentos: gênero/escolaridade; gênero/idade; idade/escolaridade; idade/gênero; mercado linguístico/gênero; mercado linguístico/idade (SOUZA, 2009).

Não ignorando os resultados de estudos anteriores, optamos por selecionar apenas quatro variáveis sociais: sexo, nível de escolaridade, idade, e rede de relações sociais. A escolha se deu pelo perfil dos informantes bem como as condições em que ocorreram as entrevistas.

Restringindo-nos a estas variáveis selecionadas, abordaremos a seguir as peculiaridades de cada variável, abordagem que será retomada ou complementada na fase da análise dos dados.

2.1 O sexo²

Fischer (1958), em um estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, foi o primeiro estudioso a fazer referência à correlação entre variação linguística e o fator sexo. Desde então, a análise da dimensão social da variação e da mudança tem considerado o peso na língua ocasionado pelas diferenças entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no interior de uma comunidade de fala.

Diante de perguntas como “homens e mulheres falam diferentemente?” , as respostas costumam se divergir em duas direções: a) questões de ordem biológica e b) questões dos papéis sociais.

Biologicamente, são evidentes as diferenças fisiológicas que distinguem os dois gêneros na configuração do timbre de voz. Todavia, tal aspecto não interessa à Sociolinguística (PAIVA, 2007). Por outro lado, alargando a questão, das diferenças biológicas, poderíamos elencar estudos que se propuseram a apontar diferenças psicológicas – Mac-

² Da mesma sorte que Silva (2005), optamos por manter nesse estudo o termo “sexo” referindo-nos ao que hoje se convencionou chamar de “gênero”.

coby e Jacklin (1974), Deno (1982), Halpern (1986), Taylor e Ounsted (1972) e Kimura (1983), etc. – contudo, compartilhando da constatação de Silva (2005), que infere avaliando os resultados de tais estudos psicologistas: “a visão de que a mulher biologicamente tem propensão às atividades que envolvam o domínio da linguagem é considerada por alguns estudiosos como sexista” –, não nos atentaremos a esse tipo de análise.

Já quanto ao desempenho dos papéis sociais, desde os primeiros estudos envolvendo variável *sexo*, como os de Wolfram (1969) em Detroit, muitos linguistas parecem compartilhar a opinião de que as mulheres são mais tendentes ao uso da norma-padrão e, conseqüentemente, evitam empregar construções pouco valorizadas no seio da comunidade da qual fazem parte³. Como salienta Paiva (2007, p. 35), diversos estudos sobre as variáveis do português desenharam um suposta maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas.

Desse modo, ignorando as diferenças biológicas, consideraremos apenas a dimensão dos papéis sociais exercidos dentro comunidade. Para tanto, julgamos importante considerar o atual processo de reconfiguração de valores, impulsionado pelos movimentos feministas, estandarte do discurso da igualdade entre os sexos. Segundo Paiva (2007):

A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos de organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se considerado dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social. (PAIVA, 2007, p. 35)

Cumpra a nós, manter a imparcialidade ante o preceito do conservadorismo feminino, analisando se de fato a diferença entre as escolhas linguísticas de ambos os sexos configura alteração nos índices de realização da regra de concordância.

³ Wolfram (1969), por exemplo, ao estudar 48 amostras de falantes negros de Detroit (EUA) constatou que as mulheres das quatro classes sociais estudadas tendem a ser mais sensíveis à avaliação linguística do que os homens. Posteriormente, Wolfram e Fasold (1974) constatam que as mulheres mostram ter mais consciência da norma de prestígio do que os homens.

2.2 O nível de escolaridade

A não aplicação da regra de concordância sempre foi vista pelo senso comum como traço de pouca escolaridade. Estudos anteriores sobre a concordância (SOUZA, 2009) constataram a influência da escola ante a neutralização dessa variante linguística, estigmatizada nas comunidades mais expostas ao padrão normativo. É visível que na medida em que os falantes avançam nos estudos este reflete diretamente na fala. Isso não confirma necessariamente que pessoas não escolarizadas possam fazer concordância ou falantes da *norma urbana culta*⁴ estejam isentos de não aplicar a regra.

Como salienta Silva (2005) “ao controlarmos a variável *nível de escolaridade*, estamos procurando observar qual a importância do letramento no comportamento linguístico dos falantes do português do Brasil”. Entretanto, em nosso estudo o português popular, a variável escolaridade será delimitada a dois níveis de instrução: a) informantes que não sofrerem influência considerável da escola ou tiveram um rápido contato (0 a 02 anos de estudo); e b) informantes cuja influência da escola se deu de forma precária (de 03 a 05 anos de estudo).

Sendo os informantes utentes do português popular, esta diferenciação em dois níveis de escolaridade visa mensurar a importância da influência da força normalizadora da escola, mesmo que o contato tenha se dado de forma precária (máximo de 05 anos de estudos).

É importante considerar, independente da permanência do indivíduo na escola, os motivos que levaram tais indivíduos a procurarem orientação escolar, já que muitos são motivados por pressões sociais e preconceito linguístico por não dominarem a norma padrão urbano.

⁴ Termo utilizado para caracterizar falantes escolarizados que vivem nos centros urbanos.

2.3 A idade

Consideraremos como variável de idade, a forma como falantes, de diferentes faixas etárias, selecionam as formas no comportamento linguístico ordinário, a fim de verificar em quais níveis de idade os comportamentos linguísticos se aproximam mais da norma de prestígio. Nossa pesquisa contempla apenas a fala de adultos, divididos em 03 faixas etárias. Na primeira faixa, agrupamos os informantes com idade entre 25 a 35 anos; na segunda, 45 a 55; e a última compreende os informantes de mais de 65 anos.

Há diferentes perspectivas quanto ao controle da variável idade. A primeira, baseada na visão clássica, postula que é após a fase da puberdade (fase crítica de aquisição da linguagem) que o falante estabiliza uma norma que caracterizará definitivamente sua forma de falar.

Segundo esta posição a gramática do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas porque o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação (a chamada faculdade da linguagem) fica bloqueado, uma hipótese que se apoia na psicologia desenvolvimentista. Quaisquer mudanças seriam apenas esporádicas: troca de uma palavra por outra, troca da pronúncia de uma palavra, etc. (NARO, 2007)

De acordo com esta hipótese, o estado atual da língua de determinado indivíduo falante reflete o estado de língua que o indivíduo falava aos 15 anos de idade. Sob este parâmetro de análise, os linguistas observam a mudança numa análise de gradação denominada *mudança em tempo aparente*, Naro (2007) comenta que esta hipótese preconiza que a fala de um indivíduo hoje reflete um estado de língua falada há 15 anos, e de um modo geral, uma gravação feita em 1990, da fala de um indivíduo de 70 anos de idade, representaria um estado de língua falada em 1935.

Uma segunda hipótese, que se propõe considerar a “mudança em tempo real”, discorda visão clássica, que prevê uma instabilidade da comunidade com o decorrer do tempo. Esta visão apregoa que os padrões linguísticos dos indivíduos mudam de acordo a sua faixa etária, numa escala de tempo real. Na medida em que o indivíduo muda de faixa

etária, num intervalo de 20 anos, reconfigura seu sistema linguístico. Assim, haveria uma variável característica de para cada faixa etária.

Tanto a primeira quanto a segunda hipótese não apresentam evidências empíricas convincentes. Faltam pesquisas e respostas, principalmente diante das novas configurações sociais onde as imposições do novo mercado de trabalho e desempenho dos papéis sociais vem desconstruindo os limites antes estabelecidos pela estratificação em faixas estárias.

Contudo, concordando com Naro (2007), podemos citar uma terceira possibilidade; a de “o indivíduo muda com o decorrer do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje” (p. 48).

Desse modo, esperamos ao controlar a variável faixa etária verificar se está havendo ou não uma mudança protagonizada, principalmente, pelos falantes mais novos, e dessa forma estabelecer a direção desta mudança (aquisição x perda das marcas de CV em P6 ou mudança estável).

2.4 Rede de relações sociais

O controle desta variável procurou regular o quanto as redes de relações sociais influenciou informantes e, conseqüentemente, na aplicação da regra de CV em P6. Acreditando que os indivíduos, no desempenho dos papéis sociais, podem sofrer influência direta ou indireta das redes de relações, classificamos os informantes em dois grupos de acordo com o grau de interação com indivíduos de outros níveis de formação:

- a) Rede local – donas de casa, aposentados, domésticas;
- b) Rede dispersa – garçons, cabeleireiros, vendedores, entre outros.

A seguir, apresentaremos o resultado da análise dos dados e seleção das variáveis, organizando a exposição pelo grau de significância apontado pelo programa *Gold-Varb*.

3. Análise dos dados

A análise estatística expôs os resultados obtidos através da quantificação das ocorrências de variáveis pré-selecionadas na fala de 24 informantes, totalizando de 1055 ocorrências de CV em P6. Utilizando o programa de quantificação estatística *GoldVarb* 3.0b3 (doravante *GoldVarb*) foram analisados células e grupos de fatores com objetivo de identificar quais grupos de fatores estariam motivando de forma mais significativa a aplicação da Concordância Verbal na terceira pessoa do plural ou P6.

Para a primeira rodada do *GoldVarb*, foram selecionados, entre falantes do *corpus* PPVC – Português Popular de Vitória da Conquista - BA, indivíduos que nasceram ou passaram a maior parte da vida em Vitória, residentes em bairros periféricos da cidade, todos informantes são adultos com idade entre 25 a 83 anos, e foram agrupados segundo os critérios sociais:

I - Sexo:

- a) Homens - 12 Informantes
- b) Mulheres - 12 Informantes

II - Idade:

- a) Faixa I – 25 aos 35 anos - 08 Informantes
- b) Faixa II – 45 aos 55 anos - 08 Informantes
- c) Faixa III – a partir de 65 anos - 08 Informantes

III - Escolaridade:

- a) Nível 01 – Analfabeto - 12 Informantes
- b) Nível 02 – Com formação precária - 12 Informantes

III – Rede de relações:

- a) Alta rede de Relação - 12 Informantes
 b) Baixa rede de Relação - 12 Informantes

Seguindo a orientação teórica, esta análise do *corpus* buscou medir a relevância dos grupos de variáveis sociais, a fim de apontarmos os fatores que se revelaram mais significativos na aplicação da regra geral de concordância.

No quadro geral, o resultado quanto à observação da concordância verbal em P6, revelou o baixo índice de aplicação da regra (ver tabela abaixo), demonstrando mais uma vez que o fenômeno analisado constitui uma realidade inegável no português popular, apontando questões que urgem ser consideradas.

Tabela 01 - Aplicação da regra de CV em P6.

Concordância verbal em P6	Número de Ocorrências	Percentual
(+) Aplicação da regra	181/1055	17,2%
(-) Não aplicação da regra	874/1055	82,8%

A seguir, apresentaremos os resultados da análise observando a frequência encontrada para cada grupo de fatores e quais variáveis se mostraram mais relevantes na análise dos dados.

3. Análise das variáveis extralinguísticas

Foi possível quantificar a frequência de 04 variáveis extralinguísticas: a) idade; b) sexo; c) escolaridade e; d) rede de relações sociais. O quadro geral da análise das variáveis extralinguísticas, considerando apenas a aplicação da CV em P6 (+), configurou-se da seguinte forma:

Tabela 02 – Análise das variáveis sociais.

Grupos	Subgrupos	Ocorrências	Frequência	Peso
1- Faixa etária	25 a 34 anos	72/272	26.5%	0.618
	45 a 55 anos	45/329	13.7%	0.459
	mais de 65 anos	64/454	14.1%	0.457
2- Sexo	Masculino	81/502	16.1%	0.491
	Feminino	100/553	18.1%	0.508
3- Nível de escolaridade	0 a 2 anos de estudos	80/482	16.6%	0.471
	3 a 5 anos de estudos	101/573	17.6%	0.525
4- Rede de relações sociais	alta rede de relações	84/442	19.0%	0.509
	baixa rede de relações	97/613	15.8%	0.493

Dentre as variáveis sociais, a “faixa etária” foi a única considerada como de alta significância pelo *GoldVarb*, sendo o terceiro grupo na ordem de importância entre as demais variáveis dependentes (depois das variáveis linguísticas “saliência fônica” e “concordância nominal no sujeito”).

Considerando a hipótese da bipolarização linguística do P. B. (LUCCHESI, 2001), buscávamos verificar se, na norma popular, os mais jovens tendiam à aquisição da regra geral de concordância, apresentando índices superiores de flexão verbal na terceira pessoa do plural ou P6. O processamento dos dados forneceu subsídios para tanto, apresentando a seguinte tabela:

Tabela 03 - Faixa etária.

Faixa etária	Aplicação da regra	Frequência	Peso
Faixa I (25 aos 35 anos)	72/272	26.5%	0.618
Faixa II (45 aos 55 anos)	45/329	13.7%	0.459
Faixa III (a partir de 65 anos)	64/454	14.1%	0.457

Duarte e Paiva (2003, p. 18) comentam que o fato de a população de meia-idade mais utilizar a norma de prestígio poderia caracterizar para essa variante um caso típico de estabilidade. Contudo, no caso do português popular, os dados da análise confirmaram nossa hipótese de que os mais jovens estão em processo de aquisição das marcas de concordância na fala, pois apresentam índices superiores de marcação da concordância em P6. Por outro, os mais velhos tendem a fazer menos concordâncias, fato atestado em nível percentual e em frequência⁵.

Ao nosso juízo, não se trata de uma tendência geracional, visto que, se compararmos as três faixas descritas, podemos perceber um baixo percentual da diferença entre as faixas II e III (ver Gráfico 01). Novos valores exigem que os mais jovens estejam dispostos a se adaptarem, mesmo que precariamente, aos valores dos novos grupos.

A aquisição da norma pelos jovens é um fenômeno que contraria a hipótese de uma deriva secular. Não há como ignorar as motivações externas, advindas das relações que ocorrem nessas comunidades mistas, onde os falantes estão constantemente sujeitos à pressão normativa. Por este motivo, os estudos acerca das redes de interação (*networks*) (MILROY, 1987; OLIVEN, 1982; BORTONI-RICARDO, 2011) poderiam oferecer parâmetros para se compreender como procedem as tendências à conservação ou assimilação da língua padrão em comunidades onde a formação de redes de densa tessitura⁶ poderiam explicar a permanência ou a substituição de formas dialetais ainda estigmatizadas, como as advindas de um *continuum* rural.

Embora a variável “rede de relações sociais” não tenha sido selecionada pelo *GoldVarb*, julgamos oportuno trazer a discussão à baila, considerando a diferença do pon-

⁵ Buscando compreender melhor esta variável, realizamos uma terceira rodada dos dados, amalgamando as duas últimas faixas de idade, e obtivemos o seguinte resultado, o que confirma o postulado de que os jovens estão sendo mais expostos a um modelo prestigiado de língua que busca estabelecer a solidariedade entre o sujeito e o núcleo do predicado: Faixa I (25-25) 26,5% (0.618) e Faixa II-III 13,9% (0.458).

⁶ Milroy (1980) entende como redes de densa tessitura as relações entre grupos onde o grau de *densidade* e *multiplicidade* atenuam-se em laços de integração do indivíduo com grupos de vizinhança. Milroy exemplifica tais redes de densa tessitura em gangues do Harlem e nos grupos de vizinhança em Belfast, grupos que isolam seus membros da pressão normativa da cultura dominante.

to de vista percentual: alta rede de relações 19% (0.509) de favorecimento à aplicação da regra e baixa rede de relações 15,8% (0.493) de aplicação da regra geral de concordância⁷. É justificável lembrar que os informantes que compõem a amostra desse *corpus* são oriundos de bairro periféricos de Vitória da Conquista (Jurema, Patagônia, Nova Cidade e Vila Serrana) os quais estão aos poucos se modernizando, aproximando-se do ideal de urbanização. Acreditamos que a ampliação do *corpus* para outras regiões da cidade de Vitória da Conquista poderá trazer mais luz à questão discutida. Ademais, os dados aqui apresentados, a nosso juízo, são indicativos de que as redes de relações são importantes vetores da mudança linguística em se tratando de Português Popular.

Julgamos a apropriado, também, observar a relação da variável faixa etária com as variáveis “sexo” e “nível de escolaridade”, embora o programa não tenha selecionado estas duas últimas. Em relação à variável “sexo”, notamos que as mulheres tendem a fazer maior uso da regra de concordância verbal, mesmo que em proporção um pouco maior do que os homens: Mulheres 18,1% (0.508) e Homens 16,1% (0.491). Tal situação poderia ser explicada à exposição que as mulheres possuem hoje em nossa sociedade, ocupando profissões que as levem a tomar contato com outros grupos mais prestigiados e fora do “seio familiar”.

Em relação à variável “Escolaridade”, já que postulamos dois níveis, pudemos obter um percentual mínimo de diferenciação entre aqueles que são considerados “analfabetos” e aqueles de “formação precária”: Analfabetos 16,6% (0.471) e Formação Precária 17% (0.525).

Devemos ressaltar que o nível de escolaridade fator complexo, pois não considerada os anos em que o indivíduo “efetivamente” cursou o ano letivo ininterruptamente (greves, paralisações, evasões), além de situações em que a escola prioriza o ensino da ha-

⁷ Não obstante tais dados revelados pelo Programa, julgamos pertinente fazer o cruzamento da variável “Redes de relações” e “Faixa Etária”. Os resultados do ponto de vista percentual demonstram uma tendência à aplicação da regra de concordância nos casos em que os jovens encaixam-se no fator “Alta rede de relações”, se comparados aos informantes das faixas II-III, numa proporção, respectivamente, de 32% e 11%.

bilidade de leitura como decodificação e a aprendizagem da língua como escrita, olvidando o uso da língua falada como habilidade, também, pertencente à língua culta.

Como esperado, a observação da variável escolaridade revelou uma leve diferença, estatisticamente insuficiente para traçar uma diferenciação no comportamento linguístico dos dois níveis analisados. O que não descarta a importância do estudo desta variável em outros níveis de análise.

Conclusão

Nos resultados do nosso trabalho sobre extensão do fenômeno linguístico da concordância verbal, particularmente em casos de utilização da terceira pessoa do plural ou P6, constatamos, pela variação na aplicação da regra de concordância em P6, uma forte evidência de uma variedade que denominamos português popular, onde o uso das variantes (aplicação/não aplicação da regra) é condicionado também por fatores sociais.

Podemos afirmar que a pouca frequência de utilização da flexão de plural do verbo (17,2%), sobretudo se tratando de falantes com idade superior a 45 anos de idade, constitui uma das principais evidências do distanciamento entre o português culto e popular, ou seja, verificou-se mais uma vez a coerência da hipótese da bipolarização linguística do PB.

A pesquisa demonstrou que, se por um lado, as duas normas; popular e culta coexistem num quadro de variação estável, na norma popular segue uma tendência à mudança, na direção da aquisição da norma culta pelos falantes jovens (25 a 35 anos). Estes por estarem mais expostos às influências externas, redes de relações, encontram-se mais suscetíveis à pressão normativa, seja pela exposição à mídia, seja por transitarem por outros ambientes como o meio profissional.

Ainda dando uma especial atenção às variáveis sociais, foi possível verificar a influência da escola e das redes de relações sobre os falantes do português popular. Contudo os resultados, apesar de satisfatórios para a realização dessa descrição e análise,

apontam para a necessidade da ampliação do *corpus*, já que um volume maior de dados nos permitiria a contemplação de variáveis que tiveram pouca realização.

Ressaltamos a expectativa de ampliação do *corpus*, contudo esperamos que os dados já apresentados possam contribuir com outros estudos Variacionistas, e situar, em estudos posteriores sobre a comunidade de Vitória da Conquista-BA, a dimensão do fenômeno da concordância verbal em P6, fenômeno que muito nos tem a dizer acerca do português popular do Brasil.

SOCIAL VARIABLES AND THE USE OF VERB AGREEMENT: DATA FROM POPULAR PORTUGUESE IN VITÓRIA DA CONQUISTA-BA.

ABSTRACT: This article, we present an analysis of social variables such as conditioning factors of the use of the verb agreement rule (Vagr) in the third person plural or P6. The quantitative data analysis, the corpus of PPVC - Popular Portuguese Vitória da Conquista, objective measure what social factors are conditioning the index of only 17.2% of application of the CV in P6. Watching the linguistic performance of the popular Portuguese speakers in the city of Vitória da Conquista - BA, this study seeks to understand the application of the rule of agreement of subject and verb is a phenomenon of stable variation or change in progress in the direction of acquisition the rule.

KEYWORDS: Sociolinguistic. Popular Portuguese. Variation. Change. Verbal Agreement. Vitória da Conquista.

Referências

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: F. Mussalim; A. C. Bentes (orgs.). *Introdução à linguística*. 1. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ANJOS, Sandra Espínola. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. 158 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris B., Maria do Rosário Rocha Caxangá, São Paulo: Parábola, 2011.

GRACIOSA, D.M.D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981.

GUY, Gregory. Sobre a natureza e origens do português popular do Brasil. Tradução provisória de Maria Marta Pereira Scherre. In: *Estúdios sobre Español de América Y Lingüística Afroamericana*. Bogotá, 1986. p. 226-244.

GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa, instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. (1972)

LEMLE, Mirian; NARO, Anthony. *Competências Básicas do Português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras, Fundação MORBRAL e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, ms, 1977.

LUCCHESI, Dante. *Chave de transcrição do projeto vestígios de dialetos crioulos em comunidades rurais afro-brasileiras*. Salvador: UFBA, ms, 1993.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira* – Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2001.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Allan; RIBEIRO, Ilza. (orgs). *O português afro-brasileiro* [online]. Salvador: EDUFBA, 576 p. ISBN 978-85-232-0596-6. Available from SciELO Books. 2009.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. ; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford/New York: B. Blackwell. 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Cadernos didáticos UFRJ)

NARO, Anthony. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, v.57, n.1, p. 63-98. 1981.

NARO, Anthony. Idade. In: MOLLICA, Cecília (Org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. 3. ed., Rio de Janeiro: FL; UFRJ, 1996. p. 17-25. (Cadernos Didáticos)

NARO, Anthony; LEMLE, Miriam. *Syntactic Diffusion. Papers from the Parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society CLS (Reprinted in *Ciência e Cultura*, v. 29, n. 3, p. 259-268), mimeo. 1976.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. D.E.L.T.A. v.9, n. esp. , p. 437-454, 1993.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: A mudança linguística em curso. In: _____ (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro. 2003.

RODRIGES, Angela. Língua e contexto sociolinguístico: concordância verbal no português popular de São Paulo: tendências atuais no estudo da língua falada. *Revista UNESP*, ano 6., n.2. Araraquara-SP, 1992.

ROMAINE, S. On the problem of syntactic variation: a reply to Beatriz Lavandera and William Labov. *Sociolinguistic Working Paper*, n.82, 1981.

SILVA, Jorge Augusto Alves. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais Estado da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SILVA, Jorge Augusto Alves. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, Constância Maria Borges de. *A concordância sujeito/verbo na 3ª pessoa do plural no português popular de Salvador*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento linguístico do dialeto rural*. UFMG/PROED, Belo Horizonte, 1982.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Variação em dialetos populares do norte-fluminense*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pós-graduação em Letra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 163 pág. 1995.

Recebido em 27/02/2014.
Aprovado em 15/07/2014.